

SILÊNCIOS, LUZES E SOMBRAS ENTRE CIENTISTAS DO SÉCULO XIX

Marilene Weinhardt (UFPR/CNPq)

Pareceu-me que Bonpland estava comovido quando suas mãos murchas apertaram as minhas na despedida. Poucos dos que tiveram a felicidade de apertar as mãos do grande Alexandre von Humboldt em Berlim foram até o Uruguai visitar o velho Bonpland. Para mim era uma necessidade interior, um dever sagrado: a Estância de Santana, na margem esquerda do Uruguai, era o ponto sudoeste de toda a minha viagem, o objetivo de minha peregrinação. E quem sabe não fora eu o último mensageiro da raça europeia, da ciência europeia, que avançara muitas milhas para, em si e em nome da ciência, levar ao velho Bonpland estima, amor e cordial amizade.

(AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 306)

O romance histórico não é concorrente da história, ainda que muitas vezes o leitor tenha o interesse despertado para determinados eventos ou figuras históricas a partir da leitura de obras que podem ser acolhidas nessa categoria. Seu surgimento é contemporâneo ao do gênero romance na sua forma moderna. Seguindo na mesma esteira deste, também se transformou ao longo do período de mais de dois séculos em que vem sendo produzido e lido. Sua característica fundante, o diálogo com a história, ou melhor, a apropriação de algumas das características do discurso histórico, permanece como o traço que o singulariza no cenário da produção romanesca. Ao longo desse percurso, tanto os modos de realização do romance como os métodos de pesquisa e escrita da área do conhecimento que designamos como História se modificaram.

É tendo em conta a independência de discursos, a despeito das apropriações eventualmente mútuas que ocorrem entre esses gêneros, que será realizada a abordagem de *Figura na Sombra* (2012), de Luiz Antonio de Assis Brasil, Autor de maduro ofício, na altura do lançamento desse título contava com quase duas dezenas de romances publicados, muitos deles premiados e vários traduzidos e publicados no exterior. Estudos acadêmicos de variados níveis constam na sua fortuna crítica.

Os homens de ciência europeus que percorreram o Novo Mundo no século XIX, em expedições ricas em experiências das mais variadas, não se pouparam do esforço de relatar descobertas e aventuras. Segundo a tese esposada por Flora Sussekind em *O Brasil não é longe daqui* (1990), tais relatos exerceram papel relevante no delineamento da prosa de ficção brasileira. O próprio Assis Brasil, em *As Virtudes da Casa* (1985), cria uma personagem que corresponde ao estereótipo do viajante, um cientista francês cuja passagem por uma estância, no tempo de lutas de fronteiras, subverte a ordem familiar. No entanto, raramente as figuras históricas foram apropriadas pela ficção. Em levantamento sobre a produção romanesca brasileira de 1980 até o presente, verificou-se que, além do título indicado no parágrafo precedente, cientistas estrangeiros são figurados de forma que sua presença vá além de eventual referência em mais um romance. Os

alemães Spix e von Martius comparecem em *O Som do Rugido da Onça* (2021)¹, de Micheline Verunschik, mas o foco da narrativa não incide na ação dos cientistas, e sim no destino das crianças que levaram para a Alemanha.

Há romances históricos motivados pela precariedade de informações sobre determinadas figuras ou fatos, opção que não tem interferência direta na fatura estética da obra. De qualquer forma, não é o caso das personagens de *Figura na Sombra*. Os indivíduos que ocupam o centro da narração têm seu percurso registrado detalhadamente, sustentado em farta documentação, e contam com diferentes ensaios biográficos. Ainda que eventualmente se verifique o aproveitamento de consultas a esse material por parte do autor, confrontar discursos e conferir em que grau a narrativa de ficção reproduz ou é fiel aos textos históricos e biográficos não será a tônica desta abordagem. O que se intentará apreender é a imagem de cada um, criada pelos recursos da ficcionalização.

A “figura na sombra” referida no título do romance de Assis Brasil é o médico e botânico francês Aimé Bonpland (1773-1858), que participou da viagem de estudos do cientista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) pela América Latina. Ao longo de cinco anos, entre 1799 e 1804, os dois cientistas percorreram milhares de quilômetros, realizando pesquisas de caráter geográfico, botânico e biológico, conforme aparece em diferentes registros sobre um ou outro, ou sobre ambos. O nome do naturalista francês consta como coautor do monumental relato que resultou dessa experiência, *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* (1816-1831). No romance, a personagem Bonpland declara que foi uma generosidade de Humboldt nunca ter deixado de registrar a coautoria, mesmo quando o francês pouco auxiliou na redação do trabalho. Nem por isso Bonpland deixou de sentir-se “na sombra”, condição anunciada já no título e evocada reiteradamente ao longo da narrativa, em várias situações, para condensá-las em passagem próxima ao final, na voz da personagem: ‘Isso acontece a quem foi uma figura na sombra. Mas viver à sombra foi minha melhor absolvição. E não falo apenas à sombra de Humboldt, mas à sombra do que é bom e que é belo, à sombra do amor, à sombra da vida. (BRASIL, 2012, p. 248)

O memorialista é Aimé Bonpland – adiante será comentada a curiosa e trabalhada posição da voz, ou melhor, das vozes – mas esta leitura, em atenção aos objetivos da coletânea a que se destina, atentar-se-á para a construção do alemão, ou antes,

¹ No momento em que escrevo divulga-se a notícia de que a obra foi selecionada para compor o “[Books at Berlinale](https://www.publishnews.com.br/materias/2022/01/14/o-som-do-rugido-da-onca-representa-o-brasil-no-berlinale)”, que coloca cara a cara produtores de cinema, agentes literários, editores e escritores que têm obras com potencial para serem transpostas para o cinema.” Fonte: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/01/14/o-som-do-rugido-da-onca-representa-o-brasil-no-berlinale> consulta em 19.01.22

dos alemães. O viajante Robert Avé-Lallemant (1812-1884), médico que não apenas viajou pelo Brasil, mas residiu no Rio de Janeiro por duas vezes, também ocupa posição relevante na composição da narrativa. Assim, há nesta abordagem uma espécie de traição ao autor implícito, que põe em primeiro plano a figura do francês. A proposta de concentrar a atenção na ficcionalização do cientista alemão encontra algum amparo nas palavras da personagem principal: ‘Eu me lembro de Humboldt assim como os planetas não podem esquecer a presença do Sol.’ (BRASIL, 2012, p. 168). A leitura dedica-se a desvendar a construção desse Sol, sem esquecer que o filtro pelo qual se contempla essa estrela de primeira grandeza é Aimé Bonpland.

A ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil prima pelo apuro no uso das estratégias narrativas desde a estreia, *Um quarto de légua em quadro* (1976), que adota o diário como recurso narrativo. Nos títulos imediatamente subsequentes, a dicção ecoa a melhor tradição romanesca oitocentista, com enredos densos, em narrações detalhadas e linguagem rica em vocabulário e sintaxe. Esse modelo culminará na trilogia intitulada *Um castelo no pampa* (1992-1994). O século XX termina com mais dois lançamentos em que já se verifica que o estilo ficou mais enxuto: *Concerto campestre* (1997) e *Breviário das terras do Brasil* (1997).

Logo no início deste século aparece o primeiro volume do que virá a ser a tetralogia denominada *Visitantes ao Sul*. Nesse, intitulado *O Pintor de Metratos* (2001), comparece a dupla de fotógrafos Sandro Lanari e Nadar. No segundo, *A margem Imóvel do Rio* (2003), um cronista da Corte desloca-se para o Rio Grande do Sul, em missão que lhe foi outorgada pelo Imperador. O terceiro viajante é o músico mineiro Joaquim José de Mendanha, cuja vida no Sul é relatada em *Música Perdida* (2006). É com o volume que completa a tetralogia que nos ocupamos.

Não é o caso de estabelecer paralelismos e confrontos. No entanto, é oportuno registrar que, neste conjunto, o autor assume uma guinada no estilo. Se os primeiros sinais de mudança já se deixavam entrever nas duas publicações de 1997, a palavra de ordem na tetralogia é a concisão, resultando em capítulos breves, parágrafos curtos e períodos em que pouco aparece a coordenação e ainda mais rara é a subordinação. Nem por isso as narrativas são menos densas. Antes pelo contrário. Dizer mais com menos exige exercício estilístico e composicional dos mais rigorosos, e leitor mais arguto. É o que temos em *Figura na Sombra*.

Dizer que no conjunto que denominou *Visitantes ao Sul* o autor remodela a técnica narrativa não significa que, estabelecido um padrão, se tem mais do mesmo a cada novo título. Cada narrativa preserva sua originalidade em relação à posição do narrador, à construção das personagens e ao tratamento dispensado ao tempo e ao espaço. Concentremo-nos no último título, pela razão já apontada para a seleção: a construção de personagens alemãs em *Figura na Sombra*.

À primeira vista, a estruturação é convencional: prólogo, capítulos numerados em algarismos romanos, totalizando 73, e epílogo. Entretanto, já no Sumário salta aos olhos o registro de quatro entreatos, permeando os capítulos, sem regularidade aparente.

Dividindo os entreatos II e III, há um capítulo não numerado, excepcionalmente comportando título próprio. E mais: o epílogo é seguido por mais três capítulos.

No desenrolar da leitura, revela-se o jogo entre diferentes narrativas: uma que se pode designar como metanarrativa, a segunda de aventuras ou ainda de pesquisa científica, e a outra uma história de amor e paixão, à moda do século XIX. É no entrelaçamento entre as três que reside a habilidade maior do romancista. Estilo enxuto não significa resumo. Há repetições, antecipações, ecos, sugestões, recursos rigorosamente trabalhados. Se o leitor não estiver atento a esses procedimentos, perderá o melhor da arte de Assis Brasil. Concluída a leitura do romance, a retomada da abertura evidencia o rigor da construção. A propósito da preparação da bagagem de Humboldt para a expedição, o narrador afirma: “Nenhum instrumento estava ali ao acaso.” (BRASIL, 2012, p. 49). O mesmo pode dizer quem analisa o romance. Nenhuma palavra é acidental ou gratuita.

No corpo do texto, o prólogo, os entreatos e o epílogo trazem, na posição de título ou epígrafe, registro de local e ano, sempre os mesmos: “Estância Santa Ana, Corrientes, Argentina, 1858.” Este conjunto comporta a narrativa sobre como se deu a construção da outra narrativa, que é a vida, a vida excepcional de Aimé Bonpland. Não é acidental o uso do termo *entreato*, importado da dramaturgia. A abertura traz uma cena, presentificada, e que já ilustra o estilo conciso acima referido: “Agora faz uma tarde luminosa sobre o pampa. / Não há nuvens. O ar é leve, azul, cintilante.” O narrador, na posição de observador, oferece detalhes do cenário – “três ranchos cobertos por telhados de santa-fé unidos num conjunto improvável que, visto do alto, formaria a letra K” (BRASIL, 2012, p. 13) – chamando a atenção para a incongruência entre a precariedade da habitação e a presença de cerca de duas centenas de livros, entre os quais destacam-se os volumes que trazem o título Kosmos (sem itálico na passagem) e a coleção *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent* (em itálico).

Nessa habitação, em que tudo tem aparência antiga, dois homens conversam. O primeiro nomeado é Don Amado Bonpland, o “velho proprietário”, enquanto o outro é “jovem visitante”, logo identificado: Robert Christian Avé-Lallemant. (BRASIL, 2012, p. 14) Este, conforme informações constantes no “Prefácio do tradutor” da edição brasileira, era médico, e morou no Brasil por 17 anos, tendo exercido a profissão na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro. Uma vez na pátria, embarcou novamente, em 1855, para viagem que deveria ser de “circunavegação do mundo”. Mas, por conflito “com os oficiais de bordo, teve de desembarcar no Rio de Janeiro e aqui ficou. Foi então que realizou as suas grandes excursões ao sul e ao norte do Brasil, escrevendo as suas duas obras – *Reise durch Süd-Brasilien* e *Reise durch Nord-Brasilien*.” (CABRAL, 1980, p. 9) Já se anunciou que não é propósito desta abordagem a comparação entre fontes e texto ficcional. No entanto, dado o papel que Avé-Lallemant exerce no plano narrativo e a intensa intertextualidade com *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul*, é indispensável evocá-la. A visita a Aimé Bonpland não é relatada como apenas mais um episódio dos tantos narrados no volumoso relato. Na capa da edição original, datada de 1859 e constante como ilustração na tradução brasileira, está reproduzida a gravura da

“estância Santana, de Aimé Bonpland, em Corrientes.” (AVÉ-LALLEMANT, 1080, p. 16). Há ainda a reprodução de uma litografia com a casa de Bonpland em São Borja (AVÉ-LALLEMANT, 1080, p. 247) e uma litografia a partir de desenho que figura o botânico (AVÉ-LALLEMANT, 1080, p. 277). Ambas indicam como fonte “Histoire du Paraguay, Atlas, Demersay”. Quanto aos registros escritos propriamente, quando passa por São Borja, Avé-Lallemant anota que Bonpland fora a segunda personalidade que celebrizara a cidade. A primeira fora um geólogo e naturalista austríaco. E a parte que mais interessa para esta leitura: a visita a Aimé Bonpland, na estância Santana, ocupa quatro nutridas páginas. Estas são intensamente aproveitadas no romance. O trabalho de Assis Brasil com essa passagem foi meticuloso. A leitura do texto primeiro evidencia que o viajante registra muito do que pensou e sentiu a respeito do hospedeiro. E o escritor de ficção buscou apreender as filigranas das percepções e sensações registradas nesse relato. Há momentos em que a intertextualidade é perceptível na superfície. Por exemplo, a passagem de Avé-Lallemant constante na epígrafe acima, aparece em *Figura na Sombra* nos seguintes termos: Avé-Lallemant “tem consciência de ser um dos pouquíssimos europeus que apertaram a mão desses dois esplendores da ciência do século XIX.” (BRASIL, 2012, p. 19). Ele não é tão somente ouvinte. O narrador implícito dota-o de aparência física e formação: “fruto tardio do Romantismo alemão, uma espécie de fim de raça, admirador de Shciller e Herder. É longilíneo e obsequioso, doutor em medicina pela universidade de Kiel.” (BRASIL, 2012, p. 17). Aliás, não são só os nomes da ciência da época são citados, também os poetas são lidos pelos cientistas, no clima do oitocentos europeu. A construção do cenário cultural, seja no plano científico, seja no artístico, recebe atenção específica, entre os tantos cuidados que caracterizam a produção de Assis Brasil.

A ficção não é a versão romanceada dos três estrangeiros que visitam a América do Sul. Não se trata de versão, e sim da criação de uma realidade ficcional em que aparecem os questionamentos, as dúvidas, as ambiguidades dos seres humanos. O relato de Avé-Lallemant faz referência aos temas da conversação mantida durante a visita: “tivemos uma variada palestra sobre botânica e política, estância e Paris, Humboldt e São Borja: como vagueavam vivos os pensamentos do velho nos espaços imensos que percorrera e no largo tempo vivido!” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 302). Não há indício de relato circunstanciado da vida do botânico. Inclusive, logo na sequência, é o viajante que exerce a função de informante: “Tive de contar-lhe muitas coisas, especialmente de Humboldt e da visita que lhe fiz em 12 de dezembro de 1852.” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 302). O Avé-Lallemant personagem de ficção ocupa a posição de narratário em uma das narrativas, ouve o relato da vida de Bonpland. Os registros biográficos e os comentários sobre o viajante alemão, constantes no “Prefácio do tradutor” já citado, e a leitura de *Viagem pela província do Rio Grande do Sul* evidenciam que a figura de Avé-Lallemant também tem potencial para ficcionalização de personagem muito curiosa. Mas na ficção de Assis Brasil sua função é dar oportunidade para a construção da “incomum [...] história de Don Amado Bonpland,” (BRASIL, 2012, p. 15).

O ponto de intersecção entre ambos é Alexander von Humboldt. O número de referências a essa figura, já no Entreato I, diz do papel que exerce na narrativa da vida de

Bonpland. Convém dizer “exerce”, no presente, e “na narrativa da vida”, e não apenas “na vida”, porque a presença física do alemão é limitada a certa altura da vida do francês, enquanto a narrativa é uma tentativa de acerto de contas, pela permanência da presença fantasmática se projetando sobre o médico botânico. O primeiro registro do nome de Humboldt é o destaque dado aos livros na estante. O segundo aparece na designação que Bonpland dá à erva-mate – “que chamei de *Ilex humboldtiana*, no tempo em que eu dava nome às plantas [...] meus colegas botânicos nunca aceitaram esse nome. Usam outros.” – (BRASIL, 2012, p. 15) ao oferecer a cuia de mate ao visitante. Segue-se a explicação, na voz da própria personagem (as falas em primeira pessoa são apresentadas entre aspas), para a transformação de Aimé em Don Amado, acrescentando que eventualmente o chamam de Gringo Loco. O narrador onisciente informa que ele esqueceu da “alcunha Carai Arandu, que significa Senhor Sábio na língua dos guaranis” (BRASIL, 2012, p. 18). As informações sobre Bonpland param por aí. Seguem-se evocações sobre Humboldt. A adjetivação, sempre na voz de Bonpland, diz da relevância da presença desse mestre em seu percurso: “No *melhor* momento de minha vida, aliei-me a esse ser *belo e admirável*, o nosso amigo, o barão Alexander von Humboldt, [...]. Juntos fizemos aquela viagem às Américas que transformou Humboldt na personalidade mais *famosa* deste século.” (BRASIL, 2012, p. 18-19. Destaques meus).

Seguem-se comentários sobre o que pensa e sabe Avé-Lallemant, seguindo de perto o texto da personagem referencial, para concluir com parágrafo relativamente longo, na voz de Bonpland. Cabe transcrevê-lo integralmente, a despeito do acúmulo de citações – a palavra de Assis Brasil é tão cuidada, tão rigorosa, que tudo o que se diga como análise parece insuficiente, inadequado, menos expressivo do que o próprio texto analisado – neste caso por uma motivação específica:

‘Minha viagem com Humboldt foi errática, comandada pelas pestes, pela política, pela paixão, pela geografia, pela boa ou má disposição dos capitães de navios. O gênio de Humboldt deu sentido a uma aventura dirigida pelo acaso. A viagem, para ele, foi um meio para comprovar sua teoria. Ele buscou a totalidade em meio à confusão dos seres. Ele morrerá com a certeza de havê-la encontrado. Quanto a mim, encontrei a solidão, a malária e o amor. Depois disso, encontrei o pesar, o remorso e, por fim, a remissão e a sabedoria. E quanto mais vivo, mais constato que tudo é diverso, tudo é frágil, tudo é múltiplo e surpreendente.’ (BRASIL, 2012, p. 19)

A longa transcrição justifica-se porque condensa-se, neste parágrafo, o enredo contido nos capítulos numerados. Antes de passar a essa outra narrativa, convém comentar as demais passagens iniciadas pela indicação de local e data. O processo analítico exige a decomposição de um todo cujo sentido está no todo, mas para apreendê-lo é preciso atentar para cada parte, bem como para o modo como se dá a intersecção entre as partes. Ao investigador cabe escolher, ou construir, uma forma de abordagem que melhor expresse seu modo de ler.

Os chamados *entreatos* distribuídos ao longo do romance fazem com que o leitor não esqueça em que condições se dá a narrativa, reforçam o clima de memorialismo. O

entreato I, com pouco mais de uma página, retoma a cena do Prólogo, dando continuidade ao diálogo sobre Humboldt. Chama-se a atenção para o fato de ele ter uma teoria. De início comentei o processo de enxugamento progressivo na escritura de Assis Brasil. Nem por isso o detalhe, muitas vezes alcançando o estatuto de símbolo, se perde. Antes pelo contrário, justamente avulta pela seleção cirúrgica. Um exemplo: em resposta à pergunta sobre a razão para aceitar a viagem com Humboldt, depois de enumerar as diferenças entre eles como motivação para o acolhimento do convite, Bonpland afirma: “Todo ele possuía algo que eu não possuía, inclusive o perfume de lavanda.” (BRASIL, 2012, p. 70) Esse perfume aparecerá algumas vezes, como uma espécie de marca registrada da personagem. E é indício do apuro do barão com a apresentação da própria figura.

O entreato II, ocupando apenas meia página, comporta duas falas, em continuidade imediata ao precedente, que terminara em “‘E por fim ele tinha uma teoria’.” (BRASIL, 2012, p. 70). A teoria é então explicada: o desejo de encontrar uma ordem no universo, de ir contra o caos que domina a Natureza. No entreato III, Bonpland mostra gravuras em que aparecem os dois, chamando a atenção para um traço comum a todas as composições: a figura dele, Bonpland, nunca está em destaque, sempre na sombra, borrado. Afirma que é correto que assim seja. São desenhos encomendados por Humboldt. O trecho finaliza com a entrega de um presente enviado por Humboldt, uma condecoração prussiana de alto significado honorífico. O entreato IV constitui uma espécie de digressão. Questionado sobre uma orquestra que teria organizado com os nativos, Bonpland conta como percebeu a musicalidade dos índios e os resquícios dos ensinamentos dos jesuítas. É oportunidade para, na voz de Bonpland, evocar os efeitos do trabalho das missões, o que ofereceu aos nativos e a cultura que recalcou, temática de um romance do autor, *Breviário das terras do Brasil*.

A passagem intitulada “Epílogo” estende-se por cinco páginas. Tem a condição de fim da narrativa do contato do médico viajante com o morador da estância Santana, visto que o romance se estende por mais alguns capítulos. O narrador onisciente informa que o relato começou há quatro horas. Há detalhes sobre o anoitecer. Avé-Lallemant constata que o interlocutor sofre e pergunta como pode ajudá-lo. “‘Escutando minha história’. Ao argumento de que foi o que fez até agora, ouve: “‘Tudo o que lhe narrei foi falso. Quer escutar a história verdadeira?’” ((BRASIL, 2012, p. 246) O narrador registra que se repete o mesmo relato, até quase a madrugada. Diante da constatação do ouvinte quanto a repetição da mesma história, o interlocutor explica: “‘Quando lhe contei os fatos da minha vida pela primeira vez, foi pensando no que o senhor diria para o mundo e para a minha Posteridade; na segunda vez, eu contei tudo debaixo do sentimento da vergonha e do perdão. Eu preciso ser perdoado.’” (BRASIL, 2012, p. 247). Um comentário parentético: eco borgiano oferece uma chave de leitura. Assis Brasil, tal como Pierre Ménard, escreve o que escreveu Avé-Lallemant e tantos outros sobre Bonpland, e ainda muito mais se escreveu sobre Humboldt, mas não é a mesma coisa. Parêntese fechado. As falas que seguem versam sobre as razões para pedir perdão e para ser perdoado. O recurso gráfico adotado em toda a narrativa, qual seja, marcar as intervenções do Avé-Lallemant por travessão e as de Bonpland por aspas, permite identificar quem fala. O diálogo termina com a única referência, em todo o livro, a uma espécie de comunidade,

composta por narrador e leitores. Depois de registrar que Avé-Lallemant percebe que “pela primeira vez Don Amado Bonpland está sorrindo [e] não entende esse sorriso”, abre-se novo parágrafo para uma frase muito breve: “Nós, sim.” (BRASIL, 2012, p. 249). É uma cumplicidade, breve como uma piscadela, e ambígua. Os dois períodos anteriores à percepção do sorriso informam: “Tudo lhe [a Avé-Lallemant] parece quieto e em paz / Lá fora, porém, a Natureza em turbulência a.” (BRASIL, 2012, p. 249). O que nós entendemos é que Humboldt, a despeito de toda a fama que alcança, estava equivocado quanto à ordem da Natureza? É o caos que reina, como a palmeira *Ceroxylon andicola*, encontrada nos Andes, embora a ciência julgasse impossível uma palmeira vingar naquela latitude? Ou os que estão representados no pronome *nós* percebem que a modéstia de Bonpland, colocando-se sempre como figura na sombra e não poupando elogios ao companheiro, é falsa, ou pelo menos ressentida? As apostas ficam em abertas, não limitadas a essas duas possibilidades.

A produtividade dessa que denominei como metanarrativa, forçando um pouco a nota, uma vez que não discute exatamente o modo de construir o enredo, mas como que o enquadra, alcança seu sentido depois de conhecermos o que é narrado nos capítulos numerados. Uma leitura que ignore as partes iniciadas pelo registro de local e data pode ser feita sob o signo de romance de aventuras, romance de formação, bem como permite a leitura como sondagem psicológica. Pode também ter interesse de caráter botânico e geográfico. Seu conteúdo é constituído pelo relato de Bonpland a Avé-Lallemant.

O indivíduo que relata sua vida vale-se do que lembra. A soma de percurso muito variado e acidentado, idade avançada, ação da memória, com seus efeitos adulteradores, de esquecimento e invenção, se faz sentir sobre a narração. No entanto, a vida de Bonpland, a despeito de tantos acontecimentos extraordinários, é contada com riqueza de detalhes. O recurso para não ferir a verossimilhança é justamente não recorrer ao discurso de memória como estratégia narrativo, a despeito do teor memorialístico. A narração é toda em terceira pessoa, embora o filtro seja o olhar e a percepção de Bonpland. Sua fala direta é predominante no texto, marcada graficamente pelo uso de aspas quando se trata de narração de memória, conforme a convenção para citações, enquanto as falas diretas são iniciadas por travessões, como recomenda a gramática tradicional. Há uma quebra desse padrão. O capítulo XX presentifica uma cena. A presentificação não é prerrogativa desta passagem, há constante alternância entre presente e passado. Mas nesta passagem há uma singularidade. O narrador, mantendo a posição de observador, descreve o que faz Humboldt, onde está, a maneira como está vestido, os movimentos que realiza. O cientista colhe uma planta e, como se fosse uma descoberta, anota sua classificação. Aí localiza-se a exceção. O capítulo conclui com três parágrafos breves, em primeira pessoa: “*Eu estou ao lado dele. / Eu, Aimé Bonpland, já fiz a classificação dessa planta. Alexander sabe disso. / É a Mimosa lacustris.*” (BRASIL, 2012, p. 76. Destaques meus, exceto na expressão latina). Esse é o tipo de pista, ainda que discreta, uma sombra de pista, que permite levantar suposições sobre o já referido sorriso, sobre a declarada admiração sem limites. A própria insistência no encarecimento do significado da contribuição de Humboldt para a ciência, enquanto Bonpland retira-se da cena europeia e cada vez mais

se interna na América Latina, deixa as confissões de culpa e remorso sob suspeita, ou pelo menos as relativiza.

No jogo entre o dito e o sugerido, convém que se diga em favor de Bonpland, as dificuldades e incertezas das viagens são todas relatadas, mas não há encarecimento dos perigos, dos sofrimentos. Ou melhor, não há discurso de vitimização. Em nome da ciência, qualquer sacrifício se justifica, tudo vale.

A expressão “em nome da ciência” oferece oportunidade para tratar do aspecto mais ambíguo, no plano ficcional, do relacionamento entre os dois cientistas. A aparência física e o vestuário de Humboldt sempre merecem descrição. E bastante variam, em vistas dos extremos a que suas experiências o conduzem: anos de sobrevivência na selva, períodos nas cortes europeias, nos salões mundanos ou nas conferências científicas. O apuro de Humboldt no vestir e na postura é marcado reiteradamente. Faz uma bela figura, sempre envolto pela aura de lavanda. Desperta a atenção de todos, sobretudo das mulheres. Até aí, pode-se considerar que, cientista ou não, é um nobre do século XIX. Em relação à sexualidade propriamente, convém começar por passagem específica. Logo que chegam ao Novo Mundo, Bonpland “esteve numa das tantas casas toleradas pelas autoridades. [...] encontrou a quietude corpo.” (BRASIL, 2012, p. 65). No retorno, Humboldt o recebe com advertências: “ – Aimé, meu querido Aimé, meu amado Aimé. Ninguém constrói uma teoria entregando-se sem controle aos prazeres carnavais. O cérebro deve concentrar-se em suas nobres tarefas.” (BRASIL, 2012, p. 66). A fala seguinte é mais incisiva: “ – Mulheres são dignas do melhor tratamento social e nos fazem companhia agradável, em especial se forem inteligentes. Mas apenas os homens podem realmente nos compreender, porque são iguais a nós. Isso pode lhe parecer absurdo.” (BRASIL, 2012, p. 66). Até aí podemos entender que estamos diante de um homem do século XIX, que não tinha ideia do que era ser machista, ou melhor, que só podia sê-lo, e que renunciara a qualquer outro prazer em benefício da dedicação à ciência. Mas a cunha da ambiguidade se insere em fala subsequente: “ – Peço que não tenha qualquer temor. Aprendi os prazeres da abstinência. Basta-me sua presença bonita, Aimé, sua companhia, sua voz amena e suas palavras, seu talento e sua ciência.” (BRASIL, 2012, p. 66). Humboldt reafirma, em outras passagens, o juízo quanto à dedicação à ciência exigir renúncia a outros prazeres. Sugestões quanto às preferências sexuais do conde alemão, raras, esparsas, ficam por conta de impressões ou ditos de outros. Assim, os estancieiros da Venezuela, pragmáticos, não “entendiam tanto interesse por plantas que nem serviam aos animais nem aos homens. E por que esse deslumbramento com flores? E esses dois homens, o que são eles, abraçados a olhar o sol poente como dois enamorados, mariconas?” (BRASIL, 2012, p. 72). Quando Bonpland visita o irmão, na cidadezinha natal, este reclama por não voltar, por não clinicar, e questiona o gênero de amizade entre os dois cientistas. Logo na sequência, no relato sobre a presença de ambos nos salões parisienses, contando do interesse das damas em ouvi-los, o narrador observa que, quanto aos maridos, alguns “recolhiam para si o que pensavam acerca daqueles dois homens sempre juntos.” (BRASIL, 2012, p. 111). Essas insinuações todas são sempre atribuídas aos outros e parecem não afetar Bonpland. É verdade que os contatos físicos entre eles são sempre registrados. Quanto ao interesse de Humboldt por outras pessoas, na percepção de

Bonpland, aparece uma única vez, talvez mais como suspeita. Refere-se a um jovem indígena. Os nativos com que entram em contato e os servem em geral não são individualizados. Apenas um é nomeado, Nicolás, um belo jovem que os acompanhou por um período da viagem. Bonpland percebe que Humboldt o admira, dá-lhe atenção particular.

No entanto, na sequência da explicitação de Humboldt quanto a atrações e interesses, comentada acima, a ação, ou a falta de concluir uma ação, revela que Bonpland não era indiferente à situação. A sugestividade da cena, em andamento tão detalhado em romance marcado pela contenção de descrições, merece transcrição integral:

Humboldt levantou-se, estendeu a mão.
- Fiquemos assim, para sempre?
- Sim, Alexander. – Aimé Bonpland apertou a mão de Humboldt.
Aimé Bonpland nada mais disse. Mas algo acontecera.
Na cama, esperava que viesse o sono. Relembrava esta noite, as horas que vivera desde o entardecer.
Saiu do quarto com um lampião aceso, ganhou o corredor às escuras e parou ante a porta de Alexander.
Ainda havia luz lá dentro.
Olhou o trinco. Sua mão fez um movimento na direção do trinco.
Aimé Bonpland susteve o movimento.
Voltou a seu quarto, apagou a luz.
Haveria luz no quarto de Humboldt até o amanhecer.
Esses silêncios, luzes e sombras permaneceriam entre eles até a morte.
(BRASIL, 2012, p. 67)

Se tivesse entrado no quarto, o que teria acontecido? Uma cena de sedução ou mais repreensão? Entrega ou ruptura? O leitor nunca o saberá. Talvez Bonpland também não o soubesse. Talvez seja a tentativa de clarear essa relação de “silêncios, luzes e sombras” que determina que Bonpland empreenda o segundo relato que faz a *Avé-Lallemmand*. A despeito de todas as declarações de culpa e remorso, convém não deixar passar em branco dois adjetivos: (a) a primeira publicação, que traz o nome dos dois na lombada e na página de rosto, conforme prometera Humboldt, a “introdução do primeiro tomo, contudo, abriria usando uma *intrigante* primeira pessoa do singular.” BRASIL, 2012, p. 110). (b) nos demais volumes, em que Bonpland pouco ou nada colaborou, seu nome continuou impresso. “A *tirânica* bondade de Humboldt.” (BRASIL, 2012, p. 182. Destaque meu nas duas passagens). Os dois adjetivos não estão na voz de Bonpland, mas convém não esquecer que ele é o filtro de toda a narrativa. As pistas são discretas, mas sempre pistas. Nesta categoria, cabe acrescentar que Bonpland percebe como Humboldt envia para a Europa informações que tem potencial para fazer com que os resultados de suas pesquisas alcancem repercussão no cenário europeu. A personagem criada por Assis Brasil sabe do poder da imprensa como formadora de opinião e da importância da imagem que se projeta na sociedade em geral e na comunidade científica em particular.

Colocados desta forma, os indícios reunidos, falseia-se em alguma medida o tratamento dispensado ao assunto, se o restringimos à questão da sexualidade. Esse

aspecto específico, tratado com muita delicadeza e discrição, facilmente passará despercebido em leitura mais ligeira. A questão não é o impulso sexual exclusivamente, ou propriamente, mas os sentimentos todos que, na percepção de Bonpland, permearam a relação entre os cientistas.

O relacionamento do francês com mulheres, por sua vez, não é encarecido, talvez por razão oposta, por falta de envolvimento emocional mais profundo mesmo. Visita a prostitutas se dão eventualmente, sem detalhes e maiores consequências além do apaziguamento do corpo, como a passagem já referida. Na França, por decisão da Imperatriz Josefina, casa-se com uma viúva francesa. No Paraguai os índios lhe oferecem uma mulher indígena, com a qual tem dois filhos. Enfim, quando serve em hospital de campanha, durante a Revolução Farroupilha, pela “primeira vez em muito tempo [...] deseja uma mulher” (BRASIL, 2013, p. 231). É a única com quem convive maritalmente por iniciativa própria. Passado algum tempo, esta o abandona, deixando-lhe uma filha, É a jovem que vela por ele no fim da vida. Em *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul*, a mocinha que cuida da casa e do velho adoentado não é sua filha. No plano ficcional, esta moça, Carmen, e a enteada, Emma, filha da viúva, foram as mulheres por quem parece que Bonpland teve algum sentimento de afeto. À sua maneira, demonstra carinho por elas. A exceção é uma paixão, que constitui o que considero a terceira narrativa, diferenciada graficamente.

O relato contido nos capítulos numerados segue a cronologia, do nascimento do herói ao enterro, com eventuais antecipações, muito rápidas, pontuais. É o caso da passagem que relata a primeira manifestação de malária, ainda durante a viagem com Humboldt: “A malária iria acompanhá-lo até o fim da vida: um mês antes de morrer, em Santa Ana, ainda teria uma última crise.” (BRASIL, 2012, p. 74) A visita de Avé-Lallemant, relatada no prólogo, entreatos e epílogo, acontece no espaço de algumas horas, um dia, no máximo. Permeando os entreatos II e III há um capítulo não numerado e com mais uma exceção, traz título próprio, “Prisão de vidro”. As singularidades não acabam aí. Inicia-se com registro de local e data, que não são os mesmos das demais ocorrências desse tipo de anotação: “Porto Alegre, Província do Rio Grande do Sul, Império do Brasil, 1949” (BRASIL, 2012, p. 123). Estende-se por cerca de quarenta páginas, certamente não por acaso situando-se no meio do volume. Na cronologia da vida do protagonista, as experiências relatadas nessa parte marcam a época em começa a se distanciar de Humboldt, até a decisão de se mudar para a América do Sul. Também o discurso é diferente. Os parágrafos em geral são mais longos, os diálogos se dão com personagem exclusiva deste capítulo, a presença de Humboldt se restringe à colagem de algumas cartas.

Quanto ao enredo desta narrativa: um homem velho, que o leitor identifica de imediato, chega à Santa Casa de Misericórdia. A descrição da aparência do prédio e seu entorno é breve, restrita a dois parágrafos curtos, mas o leitor de Assis Brasil identifica a habilidade habitual do escritor na apreensão do espaço, em especial do espaço porto-alegrense. Ressoa o eco do narrador de *Cães da província* (1987). O homem sofre. É atendido por um médico também francês, Jean Martin. Constatam a necessidade passar

uma sonda na uretra do paciente, equipamento que não está disponível. É preciso mandar confeccioná-la.

Declarando a intenção de distraí-lo da dor durante a espera pelo trabalho do protético, o médico pede a Bonpland que lhe fale de Napoleão Bonaparte, que também conheceria.

Aproveito a oportunidade para comentário a respeito da forma de situar o momento histórico. Não se encontram, em todo o romance, registros detalhados a respeito dos acontecimentos da época que não digam respeito diretamente às personagens. Cabe à enciclopédia do leitor entender a ação do General francês, bem como a situação política e as lutas fronteiriças dos países do Prata e do sul do Brasil. As referências a datas também raramente vão além da indicação do ano, nos cabeçalhos já descritos. Eventualmente informa-se que se passaram tantos anos, ou meses.

Retomo a cena: em atenção ao pedido do médico, Bonpland conta. Convidado pela Imperatriz Josefina para “o posto de botânico da corte imperial” (BRASIL, 2012, p. 130), apaixona-se pela mulher de Napoleão. Dr. Martin demonstra especial interesse em ouvi-lo falar sobre ela. A conversa é cheia de avanços e negaças. Enfim, sob os efeitos do láudano, empregado para suportar a dor, Bonpland confessa que fora tomado de paixão exacerbada e revela todos os desatinos cometidos em decorrência desse sentimento. Criara uma rosa para homenagear a amada, a quem passa a chamar Rose. O cultivo de roseiras que produzem essa rosa só será interrompido no momento da morte, a despeito das viagens e mudanças. É o ponto de entrelaçamento entre as narrativas. Para o médico da Santa Casa, o encontro é um momento de epifania e libertação. Ele também passara pelos salões de Josefina, ocasião em que fora atingido por uma frase que Bonpland lhe dissera. O comportamento do médico cria expectativa, suspense mesmo, afinal solucionado no desfecho do capítulo.

A história da paixão por Josefina certamente é a passagem em que há maior liberdade criativa no enredo do romance. A atividade como botânico na Malmaison consta em registro biográfico. No entanto, o detalhamento de sentimentos e atitudes talvez fosse excessivo até em um diário pessoal. Bonpland parece outro homem. Pode-se argumentar que a paixão transforma e transtorna o ser. Ter sido como que outro no tempo da paixão não seria incongruente. Mas ele se mostra outro no ato de narrar, muitos anos depois do desaparecimento de Josefina. O experiente escritor não criaria essa armadilha para si próprio. Muito pelo contrário, tira rendimento de um recurso da medicina da época, o uso do láudano para mitigar a dor. Médico e paciente, afinal este também médico, referem repetidamente os efeitos do uso da droga, tanto para baixar a guarda de quem é submetido a esse tratamento, como para relativizar a verdade do narrado. Fala do Dr. Martin: “Tome. O senhor sabe: talvez o senhor fique com sono, com tontura e alguns lapsos de memória. E uma espécie de paraíso e inferno juntos.” (BRASIL, 2012, p. 131). Comentários desse teor se multiplicam, dito por um ou por outro. Um exemplo na voz de Bonpland: “Eu não deveria falar essas coisas, porque dizem respeito só a mim. Deve ser o láudano. Isso acontece com os meus pacientes. Eles falam o que querem e o que não querem.” (BRASIL, 2012, p. 135)

A “prisão de vidro” tem duplo sentido: um próprio, remetendo à estufa construída na Malmaison para cultivar espécies exóticas, gosto de Josefina, e outro metafórico. A paixão prende em uma prisão cujas paredes são frágeis, podem ser quebradas, por ação interna ou externa. O recurso vale para dotar a personagem de maior humanidade. Como é próprio da ficção, a verossimilhança encontra-se na invenção, não no registro objetivo.

Bonpland não sofreu só prisão sentimental. Experimentou também uma prisão real, relatada nos capítulos numerados. Ficou encarcerado por nove anos. Quando conhece a erva-mate, a “yerba”, encanta-se, vai no encalço da região dos ervais e passa a cultivá-la. Dr. Francia, ou El Supremo, temendo a quebra do monopólio desse comércio, que ele reivindicava para o Paraguai, determina a detenção do botânico. A certa altura, não suportando os males físicos que o acometem, o ditador decide tentar uma consulta com o médico prisioneiro. Referi acima a parcimônia no registro de dados históricos. Excetuando-se os três cientistas e Josefina, Francia é a personagem referencial que merece mais espaço. Mas não é seu papel histórico que o torna relevante na economia romanesca. Doente, suas noites são agônicas. Doutor Estigarribia “também lhe ministra láudano [...]. É o momento em que Caraí Guaçu diz tolices, enovelando em seu mundo de fantasia. Apenas nesses momentos ele mente.” (BRASIL, 2012, p. 213) Quando se lê essa passagem é inevitável lembrar das cenas na Santa Casa de Misericórdia, que ainda estão por acontecer, a organização textual subverte a temporalidade, No relato que obedece a ordem cronológica, narrador em terceira pessoa, cujo filtro é Bonpland em sua contenção habitual, os acontecimentos no hospital restringem-se a: “Ao chegar a Porto Alegre, tem a bexiga paralisada e é tratado na Santa Casa de Misericórdia por um conterrâneo, que manda fazer-lhe uma sonda urológica. [Recupera-se em poucos dias]. Mas nunca esquecerá esse encontro da Santa Casa e dos efeitos do láudano.” (BRASIL, 2012, p. 234) O láudano e a rosa *Josephina Imperatrix*, transitam entre as narrativas, produzindo ecos e ressonâncias.

Para efeitos de análise, desdobrou-se o romance em três narrativas. No entanto, a tentativa foi sempre deixar evidente a reciprocidade entre elas. Pode-se dizer que se trata da técnica conhecida como *mise en abîme*, mas que se realiza de feição particular. Não há apenas um enquadramento e encadeamento entre as demais narrativas. Ainda que o papel de Avé-Lallemant como ouvinte produza o enquadramento, uma narrativa permeia a outra, ao mesmo tempo que exerce função de complementaridade, conforme a abordagem tentou evidenciar.

A essa triangulação corresponde um trio de personagens. O médico alemão Avé-Lallemant está presente apenas em uma das narrativas no plano da ação, mas representa a ligação entre o cientista alemão que ficou na Europa com o botânico francês que se estabeleceu na América Latina, depois que essa dupla deixou de ser uma dupla. Não por

acaso o Avé-Lallemant ficcional retoma o registro do Avé-Lallemant referencial sobre a importância de ter apertado a mão dos dois cientistas. A personagem ficcional reflete a personagem histórica que viajou pelo Brasil.

A eleição da memória de Bonpland como filtro permite dotá-lo de dimensão muito humana, com o jogo entre culpa e egoísmo, o dito e o não-dito que caracterizam o ser. Resta Alexander von Humboldt em sua inteireza, porque ele não se expõe, só é visto pelos outros. A sugestividade do implícito é o motor da obra.

O romance comporta formas de interação entre o Velho e o Novo Mundo, que se deram no século XIX, mas nem por isso se cristalizaram. No século XXI não são contempladas como peças de museu, em que tudo deve permanecer estático, mas reexaminadas e, assim, revitalizadas. A certa altura do relato, Bonpland diz a Avé-Lallemant: “ao fim de tudo, isso não interessará a ninguém, nem ao senhor, que veio de tão longe e padeceu por esses caminhos inundados. Talvez, sim, interesse aos leitores de romances. Ou nem a esses, porque há bons e maus romances.” (BRASIL, 2012, p. 167), Hoje certamente não são muito os interessados nos viajantes do oitocentos Bonpland e Avé-Lallemant. Humboldt está presente sobretudo nas instituições que o homenageiam com a apropriação do seu nome. Mas as personagens que o romancista Assis Brasil denominou Amado Bonpland, Alexander von Humboldt e Robert Avé-Lallemant estão bem vivos e dizem muito aos leitores de *Figura na Sombra*.

WEINHARDT, Marilene. Silêncios, luzes e sombras entre os cientistas do século XIX. In: COELHO, Luísa. Portugal - Alemanha: convergências e divergências. Lisboa:Lisbon International Press, 2022. p. 345-367.

Referências:

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*. Trad. Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Breviário das terras do Brasil*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1997.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Cães da província*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1987.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Concerto campestre*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1997.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Figura na Sombra*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *A Margem imóvel do rio*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2003.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Música perdida*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *O Pintor de retratos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2001.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Um Quarto de légua em quadro*. Porto Alegre, RS: Movimento, 1976.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *As Virtudes da casa*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1985.

CABRAL, Teodoro. Prefácio do tradutor. In: AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*. Trad. Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 9-15

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Sítios consultados:

<https://rascunho.com.br/noticias/micheliny-verunschik-lanca-romance-historico/>

Consulta em 19.01.22

<https://www.publishnews.com.br/materias/2022/01/14/o-som-do-rugido-da-onca-representa-o-brasil-no-berlinal>

Consulta em 19.01.22

<http://www.laab.com.br/bio.html>

Consulta em 21.01.22